



ENCICLOPÉDIA

# NEGRA

FLÁVIO DOS SANTOS GOMES  
JAIME LAURIANO  
LILIA MORITZ SCHWARCZ

  
COMPANHIA DAS LETRAS

De Abdias do Nascimento  
a Zeferina, os mais de 550  
personagens retratados  
neste livro encenam  
um reencontro do Brasil  
consigo mesmo e com  
a memória silenciada  
de milhões de pessoas  
negras que construíram  
a história deste país.



APOIO  
IBIRAPITANGA

PARCERIA  
PINACOTECA  
DE SÃO PAULO

COLABORAÇÃO



CIDADANIA  
CRIATIVA



Em 1751, Diderot e D'Alembert lançavam sua célebre *Enciclopédia*. O termo vinha do mundo antigo, mas foi o Iluminismo que estabeleceu a forma e o conceito dessas obras tal como as conhecemos hoje. Nascidas no bojo da modernidade, as enciclopédias são monumentos que celebram a fé na razão e no conhecimento como elementos fundamentais na constituição de uma sociedade mais justa e democrática.

A *Enciclopédia negra* remete a essa tradição humanista, ao mesmo tempo que a atualiza criticamente, ao encenar um reencontro do Brasil com a memória silenciada de milhões de pessoas negras que construíram sua história. Flávio dos Santos Gomes, Lilia Moritz Schwarcz e Jaime Lauriano passam em revista o período da escravidão e do pós-abolição a fim de restabelecer o protagonismo negro na experiência nacional. Para isso, conjuram toda a concretude e complexidade própria do humano: os biografados são sempre chamados pelo nome e se possível pelo sobrenome, são retratados com base em seus feitos e afetos, são divisados em seus sonhos e desejos, enfim, são imbuídos do que há de singular, multifacetado e profundo em cada existência particular.

Em 416 verbetes, os autores revisitam a vida de mais de 550 pessoas negras, de sexo, gênero e orientação sexual distintos, das mais variadas profissões, de diferentes faixas etárias, de todas as regiões do país, e de diversos credos e posições hierárquicas no conjunto das relações de poder econômico, social e político em que estiveram inseridas. São profissionais liberais; mães que lutaram pela alforria de suas famílias; ativistas e revolucionários; curandeiros e médicos; líderes religiosos que reinventaram outras Áfricas no Brasil.

As feições de muitos desses personagens foram apagadas da história. Por isso, 36 artistas negros, negras e negres criaram retratos inspirados nos verbetes desta enciclopédia, aqui reunidos em um belíssimo caderno de imagens.

Num momento de grande produção e disseminação de informações deturpadas, incorretas e até falsas, esta obra contribui para conformar um seguro repositório de experiências individuais e coletivas ao qual — como pessoas e como sociedade — podemos recorrer em busca de inspiração, orientação e sonho de futuro.

## ARTISTAS PARTICIPANTES

Amilton Santos  
Andressa Monique  
Antonio Obá  
Arjan Martins  
Ayrson Heraclito  
Bruno Baptistelli  
Castiel Vitorino  
Dalton Paula  
Daniel Lima  
Desali  
Elian Almeida  
Hariel Revignet

Heloisa Hariadne  
Igi Ayedun  
Jackeline Romio  
Jaime Lauriano  
Juliana dos Santos  
Kerolayne Kemblim  
Kika Carvalho  
Lidia Lisboa  
Marcelo D'Saete  
Mariana Rodrigues  
Micaela Cyrino  
Michel CENA7

Moisés Patrício  
Mônica Ventura  
Mulambö  
Nádia Taquary  
Nathalia Ferreira  
Oga Mendonça  
Panmela Castro  
Rebeca Carapiá  
Renata Felinto  
Rodrigo Bueno  
Sonia Gomes  
Tiago Sant'Ana

**FLÁVIO DOS SANTOS GOMES** é professor da UFRJ e também atua nos programas de pós-graduação em história (UFBA), história comparada e história social (UFRJ). É autor de, entre outros livros, *O alufá Rufino* (com João José Reis e Marcus Joaquim de Carvalho, 2010), *Mocambos e quilombos* (2015), e coorganizador de *Dicionário da escravidão e liberdade* (2018).

**JAIME LAURIANO** graduou-se pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo em 2010. Possui trabalhos nas coleções públicas da Pinacoteca do Estado de São Paulo e do Museu de Arte do Rio (MAR). Foi laureado com o prêmio Marcantonio Vilaça (2017), com o 1º prêmio CCBB Contemporâneo (2015), entre outros.

**LILIA MORITZ SCHWARCZ** é professora titular no Departamento de Antropologia da USP e Global Scholar e Visiting Professor, desde 2008, na Universidade Princeton. É autora de, entre outros livros, *O espetáculo das raças* (1993), *Brasil: uma biografia* (com Heloisa Murgel Starling, 2015) e *Lima Barreto: Triste visionário* (2017), e coorganizadora de *Dicionário da escravidão e liberdade* (2018).

## AS IMAGENS DA CAPA E DA QUARTA CAPA

A capa e a quarta capa desta *Enciclopédia negra* trazem dois personagens — Afra Joaquina Vieira Muniz e Chico Rei — num elenco de mais de 550 biografias. Também selecionam uma mulher e um homem; ela que viveu na Bahia e ele, em Minas Gerais. Afra no século XIX, Chico Rei no XVIII. Da existência dela, temos comprovação por um processo em que tomou parte; quanto a ele, não sabemos os limites entre a história e a lenda; lenda que vira história. Por outro lado, aqui estão as obras de dois pintores, Mônica Ventura e Antonio Obá, num time de mais de sessenta artistas.

Afra Joaquina vivia em Salvador e era casada com seu ex-senhor, Sabino Francisco Muniz, de origem africana como ela, que, uma vez liberto, pagou pela liberdade da esposa ao mesmo tempo que se tornou proprietário de escravos. Sabino morreu entre 1870 e 1872, deixando todos os seus bens para a mulher e a liberdade para duas escravizadas, Severina e Maria do Carmo, contanto que permanecessem ao lado de Afra até a morte desta. As relações de Afra com essas cativas não foram, porém, amistosas, tendo levado até a um processo cível. O exemplo de Afra mostra como era complexo o mundo que a escravidão concebeu.

A Afra criada por Mônica Ventura está desprovida de qualquer conflito. Bonita, forte, ela olha resoluta para a frente e se destaca do fundo azul profundo

selecionado pela artista. Com um turbante de nação, brinco e broche de ouro, revela a riqueza e o patrimônio que acumulou. Sua roupa não permite que se lhe adivinhem as linhas do corpo, numa representação que se afasta daquela feita por viajantes estrangeiros, os quais em geral destacavam a sensualidade das escravizadas, sempre expostas com o colo nu. Essa é uma Afra digna, altiva, dona de seu destino, como outras tantas escravizadas e libertas, que legaram seus exemplos.

Chico Rei viveu na região das Minas Gerais, em tempos de muita mineração e trabalho escravo, mas também de ameaças de insurreições e muita boataria. Chico Rei, que fez história e virou lenda, era um africano da família real do reino do Congo. Com a esposa, filhos e poucos súditos, fora embarcado como escravizado para o Brasil. Conta-se que, durante a viagem, sua esposa e alguns filhos teriam morrido. Não se sabe a que porto chegou, contudo é certo que foi parar nas minas de Ouro Preto. Foi batizado com o nome de Francisco e escravizado juntamente com um dos seus filhos. Passados alguns anos e depois de muito trabalho, Chico Rei, já reconhecido pelos demais africanos por sua distinção, não só conseguiu pagar por sua própria liberdade, como comprou a alforria de vários escravizados africanos, quiçá malungos (colegas de navio negreiro) e outros do reino do Congo.

Antonio Obá traz um Chico Rei mais velho, com cabelos brancos, olhar penetrante e roupas que remetem a sua origem real e africana. Usa também colares de contas que vinculam à religiosidade afro-brasileira. Igualmente ativo, no seu olhar cândido transparece

bondade. Transparece ainda riqueza combinada a solidariedade, rara no ambiente da mineração. O fundo verde-oliva dialoga com o que parece ser uma coroa e uma estrela de ouro. Chico Rei sorri.

Foram muitas as Afras e tantos os Chicos Reis invisíveis durante muito tempo por uma historiografia colonial e de heróis exclusivamente brancos. Hoje eles vão voltando para mudar nossa imaginação e a maneira como pensamos nosso passado, nosso presente e sonho de futuro.

## INTRODUÇÃO

*Flávio Gomes, Jaime Lauriano,  
Lilia Moritz Schwarcz*

*Senhores*

*O sangue dos meus avós*

*Que corre nas minhas veias*

*São gritos de rebeldia*

— Carlos de Assumpção,

NÃO PARAREI DE GRITAR



Um grande e constrangedor silêncio habita a maior parte dos arquivos brasileiros e coloniais, e, sobretudo, dos nossos manuais e livros didáticos. Neles, enquanto os registros de atos empreendidos pela população branca estão por toda parte, as referências acerca da imensa população escravizada negra que viveu no país, desde meados do século XVI até praticamente o fim do século XIX, são bem escassas. Ainda são muito pouco mencionados os negros e as negras que conheceram o período do pós-abolição; aquele que se seguiu à Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, a qual, longe de ter sido um ato isolado e “redentor”, fez parte de um processo coletivo de luta incessante pela liberdade, protagonizado por negros, libertos e seus descendentes. Por fim, se hoje as fontes documentais se multiplicaram, fora da bibliografia especializada são raros os registros das atuações desses grupos, e também do racismo e da violência cotidianos, com seus personagens sendo condenados, ao menos numa história mais oficial, a uma dupla morte: a física e a da memória.

Esta *Enciclopédia negra* pretende ampliar a visibilidade das biografias de mais de 550 personalidades negras, em 417 verbetes individuais e coletivos, apoiando-se na vasta produção historiográfica, antropológica, literária, arqueológica e sociológica que se debruçou sobre a escravidão e sobre o pós-abolição. Utilizamos também fontes primárias e secundárias, matérias de jornais e obras que trataram desses personagens, direta ou indiretamente. Muitas dessas trajetórias foram

invisibilizadas pela maneira como são fundados e organizados os nossos arquivos, bem como pelo modo como as narrativas são construídas e divulgadas; mais ainda quando se trata de mulheres negras e de pessoas LGBTQIA+ negras.

Narrar é uma forma de fazer reviver os mortos, afirma a escritora Saidiya Hartman. Por isso mesmo, nesta obra, diversas vezes deixamos explícito quando não temos tantos detalhes da infância de um personagem ou quando nos faltam dados sobre determinado período da vida de certas pessoas. Sobram lacunas acerca da maior parte da trajetória dos indivíduos retratados — por vezes não sabemos nem mesmo aproximadamente seus anos de nascimento e morte. Todavia, cada biografia narra, sempre, uma linda história: foram pessoas que se agarraram ao direito à liberdade; profissionais liberais que romperam com as barreiras do racismo; esportistas que desafiaram as amarras de seu tempo; mães que lutaram pela alforria de suas famílias; professoras que ensinaram seus alunos a respeito de suas origens; indivíduos que se revoltaram e organizaram insurreições; curandeiros e médicos que salvaram doentes; músicos que criaram e expandiram maneiras diferentes de se fazer cultura; ativistas que escreveram manifestos, fundaram associações e jornais; líderes religiosos que reinventaram outras Áfricas no Brasil.

Por meio de detalhes, de fragmentos, de registros deixados pelas autoridades coloniais, por fontes da polícia, por descrições legadas por senhores que pretendiam reclamar a “propriedade”, por referências jornalísticas, por raros diários, procuramos trazer de volta o

que poderia ser dito e contado, mas que permanece, o mais das vezes, inacessível. Trata-se de perscrutar os arquivos, na sua instabilidade e inconstância. Fazer uma “contra-história” ou uma “meta-história” — como defende uma série de historiadores — que devolva ao leitor pessoas de carne e osso.

Outra preocupação desta *Enciclopédia* foi a de introduzir as histórias de personagens afro-brasileiros espalhados por toda parte do Brasil, de Norte a Sul. Não apenas africanos recém-chegados que acompanharam os alardeados ciclos econômicos do açúcar, da mineração e do café durante a escravidão, mas também uma população negra no pós-abolição, supostamente só existente no Nordeste ou nas periferias das grandes capitais. Em diferentes espaços vamos encontrar uma série de personalidades negras em Roraima ou Amapá, entre as fronteiras caribenhas com Suriname, Guiana Francesa e Venezuela. Ou através das migrações negras que alcançaram o Acre e o Mato Grosso do Sul, partes do que ainda não eram Brasil nas últimas décadas oitocentistas. No Sul não foi diferente, borrando as fronteiras do Uruguai e da Argentina. Esses são pedaços de histórias que juntaram gente, desejos e projetos de diásporas em construção. Buscamos também uma representação mais paritária de marcadores como gênero/sexo, haja vista que as histórias racionais são ainda mais excludentes diante das memórias de mulheres e de pessoas LGBTQIA+, que não raro desaparecem das narrativas.

Restabelecer a trajetória desses mais de quinhentos personagens significa, pois, tirá-los das estatísticas ou dos registros que não lhes conferem identidade

ou singularidade e reconstruir seu passado, nomeando, assim, a violência do nosso presente e também a atuação incansável desses que foram verdadeiros protagonistas da nossa história. É lamentável constatar a existência de um racismo estrutural e institucional, que atinge todas as áreas sociais — educação, saúde, mortalidade, natalidade, moradia, oferta de emprego — e também os nossos arquivos.

Uma *Enciclopédia* como esta não pode nem deve ter como objetivo ser exaustiva. Pretende, em vez disso, provocar o debate e animar novas pesquisas. E se o critério para constar neste livro foi a morte, o objetivo é a vida. Ou seja, esta obra se concentra nos rastros do nosso passado, que ainda têm imensa ressonância no presente. Trata-se de uma narrativa feita em verbetes, em fragmentos, de certos nomes conhecidos pelos brasileiros e sobretudo de outros basicamente ignorados, mas que tiveram seu protagonismo em diferentes momentos e regiões do país. A intenção é trazer de volta esses corpos e também vozes tantas vezes sequestrados e sobre os quais, até então, só restava o silêncio. Um projeto como este será sempre incompleto, e deixará de fora muitas vidas que certamente merecem ser contadas e recontadas, e que aparecerão em sites vinculados a este projeto.

Mas o projeto não se encerra com a publicação deste livro. Trinta e seis artistas negras, negros e negres, numa referência a outras identidades de gênero, foram convidados para produzir retratos dos biografados. Boa parte das personalidades abordadas nesta *Enciclopédia* não possui imagens nem de sua época nem mesmo posteriores,

e a explicação para esse fato está, mais uma vez, na invisibilidade imposta a eles. Portanto, também no campo visual, destacou-se uma política que pretendeu tornar transparentes ou invisíveis os heróis e as heroínas que escapavam da régua e do compasso de uma história mais colonial, europeia e, assim sendo, branca. Para cobrir esse tipo de lacuna, convidamos artistas para colaborarem nessa missão coletiva de resgate dessas trajetórias, para que eles nos ajudassem a retratar uma história mais plural, inclusiva e ampla. Os artistas-parceiros que aderiram ao projeto deram rosto a vários desses personagens — aqueles sobre os quais não restaram imagens —, fazendo com que tenhamos, daqui para a frente, uma “pinacoteca negra” e uma imaginação mais generosa e diversificada acerca da história do Brasil.

O projeto da *Enciclopédia negra* inclui ainda uma exposição de mesmo nome, organizada pela Pinacoteca de São Paulo. Além disso, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com a coordenação das professoras Isabel Reis, Luciana Brito, Rosy de Oliveira e Antônio Liberac, encomendou a pesquisadores de todo o país a redação de verbetes sobre personalidades e grupos de negras, negros e negres atuantes no momento presente. O material será divulgado em revistas acadêmicas de acesso gratuito e está na origem de um novo projeto de livro.

Os personagens são analisados nesta *Enciclopédia* a partir de um olhar renovado, que destaca a maneira como as ideias desses homens, dessas mulheres e dessas pessoas LGBTQIA+

circularam no eixo afro-atlântico, criado forçosamente pela linguagem da escravidão e, depois, durante o largo período do pós-emancipação — que tem data de começo, mas não de fim. Assim, se chegaram ao Brasil tumbeiros carregados de pessoas com suas histórias, também vieram filosofias, teorias, religiões, plantas, práticas corporais, ritmos, ativismos, linguagens, cantos, padronagens, culturas materiais e imateriais — uma série de experiências que não se restringiram às fronteiras e às margens delineadas pelos europeus que colonizaram o Brasil. Notícias de uma revolução iniciada no Haiti logo alcançavam as Américas, e exemplos de rebeldes geravam alvoroço nas várias pontas que esse comércio negreiro estabeleceu. Da mesma forma que a insurreição dos malês, ocorrida em Salvador, logo alcançou os ouvidos dos escravizados que viviam nos Estados Unidos, projetos idealizados na Jamaica se inseriram rapidamente em nosso país. No século xx, com as experiências conectadas de lutas por cidadania, direitos civis, igualdade racial e movimentos antirracistas, ocorreria algo similar: uma ampla circulação de ideias, de valores, de costumes e de práticas compartilhadas nesse amplo espaço afro-atlântico.

Foram muitos os intelectuais que escreveram biografias de negras e negros que viveram em vários momentos da história brasileira — e que se encontram devidamente indicadas nas referências bibliográficas. Nas últimas décadas, destacamos a iniciativa de Haroldo Costa, que em 1982, no livro *Fala, crioulo*, entrevistou personagens conhecidos e anônimos. Com apoio da

pesquisa primorosa de Milton Cobrinha, foram incluídas pessoas reconhecidas (muitas ainda vivas) — como o ator Milton Gonçalves, o escritor, sambista e pesquisador Nei Lopes, e os jogadores Pelé e Paulo César Lima —, e também ícones como Mestre Didi, Raimundo de Souza Dantas e tantos outros. A maior originalidade ficaria por conta dos quase quarenta personagens anônimos apresentados no livro, entre eles feirantes, garis, cabeleireiros, eletricitas, caftens e donas de casa. Gente que falava de sua própria identidade, de suas trajetórias e do racismo existente no Brasil.

Em meados da década de 1980, Oswaldo de Camargo publicaria o livro *A razão da chama: Antologia de poetas negros brasileiros* (1986). Ainda na mesma década, Emanuel Araújo organizou uma importante obra de referência chamada *A mão afro-brasileira* (1988), que recupera perfis, trajetórias e obras de artistas negras e negros de várias gerações. Em 1998, Eduardo de Oliveira lançou *Quem é quem na negritude brasileira*, com um ampliado repertório de pequenas biografias de artistas, intelectuais, ativistas e personagens históricos desde o século xvi até o fim do século xx. Em 2004, o *Dicionário da escravidão negra no Brasil*, organizado por Clóvis Moura e Soraya Silva Moura, apresenta verbetes de personagens e de eventos da escravidão. Depois do *Dicionário mulheres do Brasil* (2000), Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil lançaram o livro *Mulheres negras do Brasil* (2006), apresentando um amplo painel, desde o primeiro período da escravidão até a contemporaneidade.

No Brasil, nas últimas décadas, vários historiadores introduziram reflexões fundamentais sobre a vida cotidiana

e sobre a religiosidade difundida durante o período escravocrata, tendo como objeto estudos biográficos de escravizados e libertos, homens, mulheres, africanos e nascidos no Brasil. Com uma obra pioneira no gênero da biografia de escravizados e ex-escravizados, Luiz Mott analisou, em 1993, a vida de Rosa Egipcíaca. O ineditismo da trajetória de Rosa passa por sua transformação em santa, venerada por todos em plena sociedade escravista colonial, num ambiente religioso efervescente.

Depois do imenso avanço acerca da vida religiosa, a temática das relações de gênero tendeu a ficar mais forte nos estudos biográficos de escravizados e ex-escravizados. Júnia Furtado ofereceu, em 2003, uma análise da vida real de Chica da Silva, talvez a escravizada mais conhecida do Brasil, por meio de lendas e de romances. Mergulhou no cotidiano de mulheres forras no século XVIII, investigando as expectativas de mobilidade social e criticando a imagem de sedução e sensualidade das mulheres negras forras no Brasil colonial.

João José Reis publicou duas biografias de africanos que foram cativos e conquistaram a alforria. Na primeira, de 2008, examinou a vida religiosa do liberto africano Domingos Sodré, na Bahia do século XIX, reconstituindo os cenários religiosos dos africanos em Salvador bem como suas redes sociais. Na segunda, de 2010 — escrita em conjunto com os historiadores Marcus J. M. de Carvalho e Flávio Gomes —, acompanhou a vida do liberto africano Rufino José Maria em quatro cidades brasileiras (Salvador, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Recife), além de

suas várias viagens em navios negreiros como cozinheiro.

Essas biografias de africanos e vários outros estudos que exploraram as trajetórias de negros escravizados e livres representaram importantes inspirações teóricas e metodológicas na busca de articulações que se mostraram bastante férteis entre a história atlântica e suas vidas. Essas investigações se somam a tantas outras que revelam os esforços da historiografia brasileira no sentido de reconstituir a vida, o cotidiano e a mentalidade de escravizados, africanos e seus descendentes, numa perspectiva microscópica, articulando narrativas individuais, formação de identidades e sentidos religiosos em contextos mais amplos da escravidão e do pós-emancipação. Em 2012, surgiria a coletânea *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*, de Giovana Xavier, Juliana Farias e Flávio Gomes, reunindo quase duas dezenas de pesquisadores, cobrindo várias regiões do país e apresentando perfis, trajetórias e biografias de mulheres negras, escravizadas, libertas, africanas e crioulas. No ano anterior, a coletânea *Experiências da emancipação*, de Petrônio Domingues e Flávio Gomes, trouxe biografias de personagens negras e negros que participaram de instituições e de movimentos sociais no pós-abolição, entre 1890 e 1980. A lista de autores e de contribuições é enorme, com dissertações, teses, artigos e livros cobrindo diversas trajetórias. Consideramos todos eles nos verbetes aqui publicados.

No período mais recente, entre as inúmeras publicações que são essenciais na colaboração acerca das

histórias de vida de personagens negras e negros, destacam-se as obras de Nei Lopes — *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*, de 2004, e *Dicionário literário afro-brasileiro*, de 2007. A primeira conta com edições constantemente atualizadas, sendo a última datada de 2011. Num projeto de fôlego, o autor tem produzido milhares de verbetes, cobrindo personagens, eventos, conceitos e terminologias que abrangem toda a diáspora. Em 2019, publicou *Afro-Brasil reluzente: 100 personalidades notáveis do século XX*. Eduardo Assis organizou, em 2014, *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*, que trouxe um grande painel dessa produção no país. *Histórias afro-atlânticas* — resultado de uma exposição realizada em 2018 no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e no Instituto Tomie Ohtake e curado por Adriano Pedrosa, Ayrson Heráclito, Hélio Menezes, Lília Moritz Schwarcz e Tomás Toledo — apresenta um retrato compósito dos vários artistas que circularam pelo Atlântico negro. Por fim, publicações como as de Ligia Fonseca Ferreira sobre Luiz Gama (2008, 2011, 2012 e 2020) e as alentadas biografias sobre Cruz e Sousa e Carolina Maria de Jesus (Tom Farias, 2008 e 2018) e Lima Barreto (Lília M. Schwarcz, 2017), entre outras, mostraram diversos caminhos para localizar obras, trajetórias e percursos de intelectuais negras e negros dos séculos XIX e XX, bem como exploraram narrativas muitas vezes fragmentadas e com várias lacunas.

Além das publicações citadas, inúmeros sites e acervos digitais foram disponibilizados nas últimas décadas, com farto material aberto ao público

leitor, destacando-se o Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira, o Museu AfroBrasil, o Geledés, o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), o portal Literafro da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Enciclopédia Itaú Cultural, a Brasileira da Biblioteca Nacional, o site do Instituto Moreira Salles, entre tantos outros.

Neste projeto, retomamos os conhecimentos das obras acima listadas e procuramos inovar a partir das experiências de uma série de pessoas negras que circularam no eixo afro-atlântico. Mais que isso: recuperamos centenas de estudos e pesquisas — muitos recentes e inéditos — que têm analisado processos, eventos e experiências da escravidão e do pós-abolição, descortinando vidas e fazendo emergir personagens e suas vidas. Foi fundamental incorporar à bibliografia clássica, e com destaque, a produção historiográfica de mais novas e potentes gerações de historiadores negros e negras.

Como tratar de escravizados que viveram ou nasceram no Brasil, que até bem pouco tempo eram tomados apenas como variáveis demográficas? Como entender a escravidão, que durou no Brasil quase quatro séculos e cruzou diferentes tempos, espaços e vários ciclos econômicos, devidamente interseccionados? Como escrever estes verbetes levando em conta marcadores sociais de diferença como raça, gênero, geração e região? Esses são alguns dos desafios que aqui enfrentamos.

A pesquisa para esta *Enciclopédia* começou em fins de 2014, quando surgiu a ideia de escrever uma síntese alentada sobre a escravidão no Brasil. Durante o

trabalho de manusear clássicos e de dar conta da vasta bibliografia atualizada — expressa em artigos, livros e capítulos, além de centenas de dissertações e de teses inéditas produzidas em programas de pós-graduação espalhados de norte a sul do país —, acabamos por concluir que seria um trabalho hercúleo e com resultados basicamente incompletos. O risco de generalizar demais e de não localizar diferentes temporalidade e geografias, no limite, inacessíveis — porém, muito importantes no que se refere às experiências coloniais — nos fez desistir desse compêndio. O *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos* (Lília M. Schwarcz e Flávio Gomes, 2018) virou, então, um grande projeto coletivo, juntando dezenas de pesquisadores, estudiosos e estudiosas da escravidão, com investigações em diversas áreas. Ainda assim, avaliamos que várias paisagens atlânticas acabaram por ficar de fora dessa coletânea, bem como, e sobretudo, não apareciam com a devida importância as vivências de personagens incríveis, mas que escapavam das diversas abordagens.

O certo é que não há mais espaço para tratar de África no singular, tampouco para retomar convenções coloniais utilizadas e canonizadas durante tantos séculos. Foram inúmeras as escravidões, desenhadas por escravizados e escravizadas, senhores, feitores e pessoas que descobriram e lutaram pela liberdade. Pau-brasil, cana-de-açúcar, ouro, café não foram apenas economias transmutadas em “bastões de revezamento econômico” ou ciclos presos a padrões de evolução fixos. Os territórios e as fronteiras eram muito mais amplos, incluindo trigo,

algodão, fumo, arroz, drogas do sertão, gado, diamantes, tropeiros, mandioca, salsaparrilha, charque e tantas outras culturas que constituíram e que foram constituídas por pedaços de sociedades escravistas, compostas de indígenas e, fundamentalmente, de africanos e de seus descendentes escravizados ou libertos. Esses são cenários complexos, inseridos em paisagens mutantes. Nesses lugares, mulheres e homens, negras e negros não só atravessaram o tempo — aquele de suas próprias vidas — como organizaram memórias, relataram a originalidade de suas vivências e deixaram muitas pistas sobre suas expectativas, projetos e utopias. Procuramos, assim, recuperar histórias da escravidão e da liberdade, dando tempo, espaço, lugar e rosto a essas múltiplas experiências e a esses diversos e diversas protagonistas. Aí estão esses mais de 550 biografados, reais, complexos, intensos, contraditórios. As nossas histórias nacionais, contadas como uma linha do tempo contínua e sucessiva, entremeada de uma série de efemérides, acabaram relegando ao esquecimento pessoas que foram apagadas por narrativas que as trataram apenas como números, em meio a produções com claro caráter generalizante. Para captar desejos, redes familiares, ressentimentos, medos, dúvidas, sucessos, horrores, amores, tragédias, alegrias, esperanças, choros, fracassos, ódios, decepções, angústias e recordações foi necessário tirar da névoa rostos, retratos, nomes e personagens múltiplos, que espelham a riqueza e a variedade das experiências afro-brasileiras. Estes foram alguns passos que tomamos, visando revelar

vozes e opções subjetivas, para além de nomes e registros temporais.

Não se trata, aqui, de inventar heróis ou enumerar vítimas, muito menos de construir narrativas subalternas ou subalternizadas. Partindo da fundamental contribuição historiográfica, antropológica, literária e sociológica dos últimos quarenta anos, tentamos reler contextos, processos sociais, horizontes de expectativas, envolvendo vários personagens, auscultando dessa forma vidas e trajetórias repletas de propósitos e de planejamentos. Incompletos para aqueles que viveram no mesmo período e, sobretudo, para nós, que tentamos encontrá-los tantos séculos depois, esses protagonistas ergueram mosaicos de experiências, movimentos históricos profundos, ainda bem pouco conhecidos entre nós.

O objetivo desta *Enciclopédia* é, portanto, contribuir para que os brasileiros incluam em suas narrativas outros sujeitos históricos, em geral silenciados ou esquecidos pelos nossos manuais, livros didáticos e compêndios mais tradicionais. Ao cruzar tempos, espaços e gerações, de modo a compor um painel não só amplo mas equânime e equilibrado em termos geográficos, temporais e de gênero, este livro traça um panorama inclusivo, com a presença de intelectuais, ativistas, figuras religiosas, cantores, esportistas, profissionais liberais, políticos, artistas plásticos, médicos, abolicionistas, engenheiros, quilombolas, professores, cientistas e líderes comunitários, cada um excepcional à sua maneira. Por fim, se alguns dos biografados serão de conhecimento prévio dos leitores, outros, por conta de suas experiências terem sido

pouco veiculadas pela mídia, pelos livros de história e pelos manuais de forma geral, demonstrarão como a “celebridade” também se faz no cotidiano.

Um grande destaque foi dado aos verbetes mais históricos, pouco contemplados em obras do gênero. Nesse sentido, uma das intenções fundamentais desta *Enciclopédia* é ampliar o repertório de professores e alunos que, a despeito da lei nº 10 639/03, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, ainda não encontram material suficiente para subsidiar a educação, a pesquisa e o estudo nessas áreas, possibilitando que docentes de ensino fundamental, médio e universitário possam incluir outros intérpretes e personagens em seus cursos e ementas. Em suma, este livro se insere num processo mais robusto de ampliação do conhecimento das práticas negras em nosso país, além de contribuir para a construção de um amplo movimento antirracista e cidadão.

Este projeto não seria possível sem o esforço conjunto de uma série de historiadores e de cientistas sociais, dos artistas que criaram os retratos e do apoio da Companhia das Letras, do Instituto Ibirapitanga e da Pinacoteca de São Paulo. Nosso muito obrigado a Alceu Chiesorin Nunes, Erica Fujito, Fabiana Roncoroni, Fernando Baldráia, Lucila Lombardi, Luiz Schwarcz, Otávio Marques da Costa, Ricardo Teperman (um verdadeiro coautor desta obra), Andre Degenszajn, Iara Rolnik, Dalva Santos (Instituto Soma), Ana Maria Maia, Jochen Volz e Valéria Piccoli, que foram nossos e nossas comparsas nessa empreitada, compartilhando dúvidas e caminhos. Sem a Sonia Balady não

teríamos dado conta de organizar todos estes verbetes e de garantir a paridade entre homens, mulheres e pessoas LGBTQIA+. Agradecemos também a Edson Cardoso, que nos ofereceu sugestões preciosas, entre elas a de que alguns verbetes tratassem de experiências coletivas. Contamos com a ajuda de Alberto da Costa e Silva, Ana Carolina Lourenço, André Chevitarese, Antônio Carlos Higino da Silva, Antonio Liberac Cardoso Simões Pires, Astrogildo Esteves Filho, Bianca Santana, Carlos Alberto Medeiros, Carlos Eugênio Líbano Soares, Cuti, Cyda Moreno, Elciene Azevedo, Elisa Larkin, Emanuel Araújo, Felipe Arruda, Giovana Xavier, Hélio Menezes, Higor Ferreira, Iamara Viana, Isadora Mota, Ivanir dos Santos, João Alipio, João José Reis, Juliana Vicente, Layla Baptista, Léa Garcia, Ligia Ferreira, Lucimar Felisberto, Luiz Felipe de Alencastro, Maria Helena Machado, Maria Magalhães, Mariana Gino, Mário Medeiros, Matheus Gato de Jesus, Mauricio Acuña, Miquéias H. Mugge, Mundinha Araujo, Nilma Accioli, Olívia Cunha, Paulo Roberto dos Santos, Paulo Staudt Moreira, Petrônio Domingues, Reginaldo Prandi, Robert Slanes, Solange Pereira, Spirito Santo, Stephane Ramos, Tom Farias, Valéria Gomes Costa, que nos auxiliaram nesta tarefa, lembrando de nomes, esclarecendo dúvidas, indicando textos, repassando a bibliografia e sugerindo a leitura de teses e dissertações. Agradecemos também aos vários colaboradores que assinam alguns dos verbetes conosco e aos artistas que aderiram ao projeto: Amilton Santos, Andressa Monique, Antonio Obá, Arjan Martins, Ayrson Heraclito, Bruno Baptistelli, Castiel Vitorino, Dalton Paula, Daniel Lima, Desali, Elian Almeida, Hariel

Revignet, Heloisa Hariadne, Igi Ayedun, Jackeline Romio, Jaime Lauriano, Juliana dos Santos, Kerolayne Kemblim, Kika Carvalho, Lidia Lisboa, Marcelo D'Saete, Mariana Rodrigues, Micaela Cyrino, Michel CENA7, Moisés Patrício, Mônica Ventura, Mulambö, Nádia Taquary, Nathalia Ferreira, Oga Mendonça, Panmela Castro, Rebeca Carapiá, Renata Felinto, Rodrigo Bueno, Sonia Gomes e Tiago Sant'Ana. Oga Mendonça foi um verdadeiro parceiro, cuidando de toda a linguagem e coerência visual do projeto. Victor Burton elaborou o projeto gráfico com o profissionalismo e a amizade de sempre. Todos nos ajudaram a fazer desta *Enciclopédia* um verdadeiro sonho coletivo.

A grande utopia deste livro é devolver à sociedade brasileira, sobretudo a negras, negros e negres, histórias e imaginários mais diversos e plurais. Essa é uma forma de colaborar para que nosso país seja mais republicano. É também uma maneira de qualificar nossa democracia, deixando de discriminar e assassinar setores da nossa sociedade que — segundo os termos do IBGE, que os classifica como pretos e pardos — hoje correspondem a 56,1% da população.

Com esta *Enciclopédia* pretendemos, também, que a visibilização da vida (e da morte) de uma série de pessoas de origem africana contribua para o término do genocídio dessa população no Brasil. Pois tornar estas histórias mais conhecidas e dar rostos a estas personalidades colabora para a reflexão por trás das estatísticas, que nos acostumamos a ler todos os dias nos jornais, “naturalizando” histórias brutalmente interrompidas, seja fisicamente, seja na memória. Por isso, trazer à tona a biografia e a luta pela vida

de Ambrosinas, Inácios da Catigueira, Pratas Pretas, Ritas Cebola, Quindombas, Xicas Manicongo e tantos outros é mostrar que as vidas de Ágathas, Jenifers, João Pedros, Kauãs, Kauês, Kethellens, Marielles, João Albertos Silveira de Freitas, Emilys, Rebecas e tantas outras vidas negras — violenta e precocemente arrancadas de nosso cotidiano — importam.

É possível tomar duas atitudes diante da operação historiográfica e de coleta dessas tantas memórias: a primeira é apenas anotar aquilo que os arquivos oferecem; a segunda é interrogar a própria produção do conhecimento advinda do passado, começando a história mais uma vez.

*Rio de Janeiro, Porto e São Paulo,  
8 de dezembro de 2020*

## PÓS-ESCRITO

Quando estávamos terminando este livro, ocorreu o terrível assassinato de João Alberto Silveira Freitas no supermercado Carrefour de Porto Alegre, mais exatamente no dia 19 de novembro, véspera do Dia da Consciência Negra. A corporação global é recorrente em casos de violência contra negros. Em 2018, Luís Carlos Gomes, um homem negro portador de necessidades especiais, foi agredido num Carrefour de São Bernardo do Campo (São Paulo). Seguido por um funcionário ao abrir uma lata de cerveja antes de passar no caixa, Gomes foi espancado e levado à força para fora do estabelecimento. Apesar de os vídeos comprovarem a extrema e covarde violência, a rede tratou a acusação como “exagerada”. Depois de dois anos, a Justiça pagou 26 mil reais de indenização por danos morais, e só. E eis que a cena se repete, com os mesmos requintes, e é filmada por funcionários do Carrefour, no final de 2020. Todos os brasileiros puderam “assistir” à agonia de Beto Freitas, como era conhecido, que, levado a um estacionamento, lutou o quanto pôde para se livrar das mãos de seus agressores: os seguranças do supermercado — um ex-militar e um policial militar temporário. Ele foi asfixiado e depois de alguns minutos seu corpo ficou inerte; sem vida. No mesmo ano de 2020, no dia 25 de maio, George Floyd, um afro-americano, fora assassinado em Minneapolis; um policial branco o havia estrangulado, ajoelhando-se em seu pescoço, durante uma abordagem por Floyd supostamente ter usado uma nota falsificada de vinte dólares para pagar a

conta num supermercado. Ele também morrerá dizendo que lhe faltava ar. As “coincidências” são muito reveladoras. Após a morte de Floyd, os protestos contra o racismo reacenderam nos Estados Unidos. Depois do perecimento de Freitas, o mesmo aconteceu no Brasil. Não sabemos muito da biografia de Beto Freitas, mas conhecemos de sobra a intolerância policial — que tem como alvo, principalmente, os homens e mulheres negros, negras e negres quase cidadãos no país —, a desfaçatez da sociedade que naturaliza tais eventos cotidianos, e o racismo que cerca, conforma, explica e já se transformou numa linguagem social do Brasil atual. Tão desigual que, além de não enxergar, torna invisíveis assimetrias, discriminações e exclusões não apenas individuais, mas coletivas e geracionais. Floyd pode ser chamado de um “personagem atlântico post mortem”, já que o seu bárbaro assassinato mobilizou vários lugares do mundo em protestos públicos. No Brasil, a perplexidade de parte da mídia — ante uma suposta e enganosa acomodação brasileira ou um racismo não tão violento — diz muito sobre o apagamento da história, das ações, eventos, experiências, personagens e uma série de rostos. Como se verá neste livro, o ativismo negro existe por aqui desde que o primeiro africano e a primeira africana puseram seus pés na então colônia americana dos portugueses para trabalharem coercitivamente, como escravizados, nas lavouras. E não foram só revoltas, quilombos, associativismo e movimentos populares; foram também ações diárias que indicavam percepções políticas, sonhos, projetos, pesadelos, apostas, riscos, necessidades

e formas de sobrevivência. No entanto, o racismo estrutural continua presente, e a repressão do Estado contra pessoas negras não arrefece. A frase “não consigo respirar” funciona como metáfora e realidade. Metáfora da sensação de opressão experimentada cotidianamente por pessoas negras. Realidade, de um país que pratica o genocídio duplo das populações de baixa renda e sobretudo negras: a morte física e a tentativa de assassinar o direito à memória. Uma inversão da metáfora seria “não podemos respirar” ou então “não queremos respirar mais” — ver, reproduzir, silenciar, ouvir, sentir, traduzir — “o racismo e suas formas de exclusão social”.

## DANIEL ANTÔNIO DE ARAÚJO

SÉC. XIX | VIANA, MARANHÃO

No Brasil, insurreições e quilombos nem sempre andaram juntos. Menos comuns foram as situações de quilombos antigos a partir dos quais se organizaram revoltas junto com os cativos nas senzalas. Por isso, o episódio da revolta de Viana, no Maranhão, sob a liderança de Daniel, é não só excepcional como espetacular.

Boatos sobre possíveis insurreições foram a tônica da imprensa e da correspondência policial do Maranhão nos anos 1860. Para além dos conflitos internacionais, como a Guerra do Paraguai e a Guerra Civil nos Estados Unidos, havia o medo da possibilidade de “contágio das ideias”. Os temores eram *se e como* escravizados e mocambeiros poderiam ter acesso a tais informações.

Para piorar o clima de desconfiança, em 1861 chegaram a São Luís denúncias sobre rebeliões escravas com planejamento em curso em Anajatuba. Dizia-se “que diversos escravizados formavam clubes em alguns lugares da vila, nos quais declaravam que eram livres, pois que existia na barra um vapor de guerra, que os vinha libertar, e que por esse motivo não deviam mais obedecer a seus senhores”. Descobriu-se que “semelhante ideia tem sua origem na entrada, neste período, de dois vapores de guerra, um dos Estados Unidos da América do Norte e outro dos Estados, que se querem constituir em Confederação separada”.

Com base nos estudos de Mundinha Araujo (1943-) e Flávio dos Santos Gomes (1964-), localizamos Daniel e Antônio, duas lideranças quilombolas, planejando

uma insurreição e para isso articulando mocambos e senzalas. Nas áreas de Viana, os habitantes do mocambo São Benedito do Céu saíram de suas aldeias rumo à fazenda Santa Bárbara, para depois invadir a Vila Nova de Anadia, realizando saques e mobilizando mais fugas de escravizados, que vinham engrossar os mocambos. Daniel seria considerado um dos principais chefes do mocambo. Não sabemos se era africano ou não; provavelmente nasceu no Maranhão e ainda jovem fugiu para os mocambos das regiões do Gurupi e Turiaçu. Era cativo de Virgílio de Araújo e em 1867 podia estar com trinta anos. Assim, Daniel pode ter convivido nos mocambos locais com as últimas gerações de africanos que neles se instalaram nas primeiras décadas do século XIX.

A grande novidade da insurreição de Viana foi uma carta dos revoltosos. Entregue em 10 de julho, em tom de declaração, comunicava: “Nos achamos em campo a tratar da liberdade dos escravizados”. Afirmavam que tal “liberdade” era “por muito” aguardada (“que esperamos por ela”) e completavam: “O nosso desejo é por todos e não fazer mal a ninguém”. Os escravizados reivindicavam sua alforria, ameaçando invadir mais vilas e povoados de Viana; “Não teremos remédio senão lançarmos mão nas armas”, diziam eles. Notificavam, ainda, que tinham “mil armas de fogo”, além de contarem com o apoio dos índios da região (“contarmos com todos os arcos dos gentios”), na “nossa defesa e da liberdade”. A carta seria assinada por “Daniel Antônio de Araújo e João Antônio de Araújo”, conhecido chefe do mocambo de São Benedito do Céu.

A missiva tinha o teor de ultimato e foi enviada somente às autoridades policiais de Viana; não se dirigiu ao monarca,



## DANIEL

SÉC. XIX | VIANA, MARANHÃO

**Dalton Paula**, Goiânia, 2020

ÓLEO E FOLHA DE OURO SOBRE TELA,

61 CM × 45 CM × 3 CM

tampouco às autoridades superiores do Império e/ou da província, nem mesmo aos senhores de escravizados. Era como se a liberdade já estivesse garantida, bastava apenas o reconhecimento das autoridades locais. Esse manifesto, soube-se depois, fora redigido sob ameaças pelo administrador da fazenda Santa Bárbara, Plácido Melo dos Santos. Mas expressava a vontade dos escravizados e mocambeiros, sendo seus assinantes os próprios líderes do levante. A realização de saques a fazendas e povoados, o envio de um manifesto a favor da liberdade, a manutenção do estatuto de libertos ou o propósito de “gozar de sua liberdade” foram motivações conectadas naquele contexto.

A política de prevenção contra os costumeiros ataques às suas aldeias, a

possibilidade de enfrentarem razias de índios e o ambiente político de guerras internacionais favoreceram a insurreição. De um lado, autoridades e senhores temiam uma grande revolta. De outro, o recrutamento da Guerra do Paraguai (1864--70) implicava menos tropas para combater os mocambos. Aliás, se dizia nos mocambos “que Lopes [Solano López] do Paraguai estava tratando da liberdade deles”.

Além disso, denúncias vindas de São Luís garantiam que havia “pretos livres, que sabem ler sofrivelmente e a quem não são estranhas as ideias que nestes últimos tempos se têm manifestado em favor da emancipação dos escravizados”.

A insurreição de Viana, no Maranhão, coincidiu com uma efervescência política presente em várias partes do Império; com as discussões parlamentares sobre a emancipação; com a Guerra do Paraguai terminando com um saldo negativo para o Império; com o crescimento das “ideias de liberdade” que circulavam por toda parte; nas Antilhas e nos Estados Unidos. O medo era, portanto, um tema que fazia parte da realidade, e por isso a revolta de Viana teve imediata e violenta repressão. Além dos revoltosos, foram indiciados sete fazendeiros, dez cativos e onze livres e libertos, acusados de fazerem “negócios” com os mocambeiros. Pelo crime de insurreição acabaram condenados 31 escravizados e dois livres e na ocasião mocambeiros. Preso e julgado, Daniel foi sentenciado em 1868 à prisão perpétua.

**FONTES:** Flávio dos Santos Gomes; Matthias Röhrig Assunção; Mundinha Araujo.

**VEJA TAMBÉM:** Ângela; Cosme Bento das Chagas.



## LUZIA PINTA

c. 1792-? | ANGOLA; SABARÁ,  
MINAS GERAIS

**Sonia Gomes**, São Paulo, 2020

PEDRAS, TECIDO, METAL E OUTROS MATERIAIS,  
83 CM × 24 CM × 11 CM

## LUZIA PINTA

c. 1792-? | ANGOLA; SABARÁ,  
MINAS GERAIS

Luzia Pinta era uma escravizada alforriada natural de Angola. Foi presa em Sabará, Minas Gerais, em 1742, acusada pela Inquisição de ser feiticeira calundzeira, conforme revelou a pesquisa de Luiz Mott. De acordo com a denúncia, ela era uma preta forra e moradora junto à capela de Nossa Senhora da Soledade, na vizinhança da vila de Sabará, e por lá praticava calundus e feitiçarias. Nascera muito provavelmente na última década do século XVII, em Luanda, onde fora criada numa família de escravizados. Por volta dos doze anos, fora embarcada como escravizada para a América. Conquistara em algum momento sua alforria, e até 1742 residiu em Sabará.

Denunciada ao comissário do Santo Ofício em setembro de 1739 por dois vizinhos, seguiu-se a abertura de um sumário de culpas para averiguar seus crimes contra a fé católica e a recolha de diversos testemunhos, o que culminou na determinação de que a suspeita fosse enviada a Lisboa para abertura do processo inquisitorial e julgamento. Luzia foi tirada à força da cidade onde criara sua rede de laços sociais, mantida em cativeiro por um ano e meio e submetida a tortura durante os interrogatórios.

Segundo mostra Alexandre Almeida Marcussi (1986-), no direito eclesiástico, a feitiçaria fazia parte da jurisdição dos tribunais do Santo Ofício, sendo enquadrada como crime de heresia. Desde a bula papal *Super illius specula*, de 1326, havia precedentes para que as práticas mágicas, antes toleradas pela Igreja, agora

fossem passíveis de perseguição. O que permitia tal enquadramento era a noção de “pacto demoníaco”. A partir dessa ideia produziu-se uma poderosa ferramenta jurídica de acusação, que simplesmente ignorava e passava por cima das intenções manifestas e declaradas pelo réu, pois encontrava indícios de “pacto” mesmo quando ele não fosse jamais confessado.

E Luzia acabou se enquadrando nesse que era um manual inquisitorial. “Cinquenta anos pouco mais ou menos, preta baça, alta e grossa de corpo, com um sinal mais perto da testa e em cada face outro” — com tais palavras, o escrivão do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa descrevia a ré Luzia Pinta, que fora encarcerada em Sabará no dia 18 de dezembro de 1742. Sua primeira confissão foi obtida em 18 de março de 1743, e o julgamento acabou durando mais de dois anos. As denúncias contra Luzia Pinta haviam começado em setembro de 1739, quando o clero de Sabará a acusou de feitiçaria. Diziam os autos que ela teria convencido um enfermo de nome Luís Coelho Ferreira, que andava próximo da morte, a tomar parte de seus rituais, prometendo-lhe a cura completa. Manuel Freire Batalha a denunciava desta maneira: “Assim fizera várias operações diabólicas invocando o Demônio por meio de umas danças, a que vulgarmente chamam calanduz”. Os inquisidores denominavam calanduz ou calundu a reunião em que Luzia aparecia. Dizia-se que praticava mandinga “ou outra coisa diabólica, usava de feitiços contra as pessoas...”. Essas aparições, “por meio de umas danças, a que chama calundu”, eram motivo de “grande escândalo dos fiéis católicos”.

A ré não se acovardou e afirmou, contrariando as expectativas e os

estereótipos dos inquisidores, que aquela era mesmo uma doença contagiosa vinda de Angola e que consistia em “destino” ou “virtude” concedidos por Deus. Confessou também ter experiências extáticas: “viajava por lugares” enquanto “seu corpo permanecia imóvel, como morto”. No entanto, segundo ela, fazia tudo com a ajuda de Deus. A despeito de suas versões dos fatos e argumentações, Luzia Pinta acabou enredada pela implacável lógica inquisitorial. Como tivesse admitido que sua “doença” era sobrenatural, os inquisidores foram autorizados a presumir que se tratava, na verdade, de intervenção demoníaca, já que “Deus não agia daquela forma”. Ou seja, não concedia poderes divinatórios e tampouco permitia que as almas deixassem os corpos em vida para depois retornarem. Após o longo embate, o triunfo da leitura demonológica significou também o encerramento do processo. Luzia foi culpada de “feitiçaria, apostasia e pacto”. Em 20 de junho de 1744, Luzia saiu em auto de fé, decerto usando hábito penitencial e observada por uma multidão, como era costume nessas cerimônias, em que a Inquisição portuguesa ostentava seu poder e reafirmava sua autoridade por meio da demonstração pública e exemplar. Sob a acusação de “leve suspeita na fé”, foi degredada para o Algarve e não se teve mais notícias dela.

**FONTES:** Alexandre Almeida Marcussi; Laura de Mello e Souza; Luiz Mott.

**VEJA TAMBÉM:** Amélia Rosa; Caetano da Costa; Divino Mestre; Domingos Álvares; Feliciano Maria Olímpia; Juca Rosa; Mestre Tito.

# ÍNDICE DE VERBETES

- Abdias do Nascimento 22  
 Abigail Moura 23  
 Acaiuba, Amaro, Ambrósio, Andalaquituche, Cabanga, Camoanga, Canhongo, Dambraganga, Ganga-Muiça, Ganga-Zona, Gaspar, Gone, Gongoro, João Mulato, João Tapuia, Maihoio, Mouza, Osenga, Pacassa, Pedro Caçapa, Quiloange, Quissama, Tocolo, Zangui 24  
 Acotirene e Aqaltune 25  
 Adão 27  
 Adhemar Ferreira da Silva, João do Pulo e Nelson Prudêncio 28  
 Adriana e Maria 30  
 Afra Joaquina Vieira Muniz 31  
 Agnaldo dos Santos 32  
 Agostinha 33  
 Alberto Guerreiro Ramos 34  
 Alcides de Freitas Cruz 36  
 Aleijadinho 37  
 Amália Augusta de Lima Barreto 39  
 Amarildo Dias de Souza 40  
 Ambrosina 41  
 Ambrósio, Bateiro e Isidoro 43  
 Amélia Rosa 44  
 Ana Clara Maria Andrade, Deolinda e Isabel Maria da Conceição 45  
 Ana de Jesus 47  
 Ana de Oliveira e Rosária Maria 47  
 Ana Maria de Jesus 48  
 Ana Mogumbe, Gertrudes Angola, Joana Benguela, Maria Camundá, Maria Conga, Mariana Monjola e Suzana, da Costa de Guiné 49  
 Anastácia 50  
 André Rebouças 51  
 Andreza, Antônia e Efigênia 53  
 Ângela 55  
 Ângela e Geralda 56  
 Antenor Nascentes 57  
 Antonica, Luiza e Marcelina 58  
 Antonieta de Barros 59  
 Antônio Amaro Ferreira 60  
 Antônio Baobad 61  
 Antônio Candeia Filho 62  
 Antônio Dutra 63  
 Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa 64  
 Antônio Pinto Bandeira 65  
 Antônio Telles 66  
 Arinda Serafim e Marina Gonçalves 67  
 Arlindo Veiga dos Santos 67  
 Arthur Bispo do Rosário 69  
 Arthur Rocha 71  
 Arthur Timótheo da Costa e João Timótheo da Costa 72  
 Ascendina dos Santos 73  
 Astolfo Marques 74  
 Augusta e Ubaldina Anna da Conceição 76  
 Augusto Mina 77  
 Aurélio Veríssimo de Bittencourt 78  
 Auta de Souza 80  
 Badia 82  
 Bamboxê Obitikô (Rodolpho Manoel Martins de Andrade) 83  
 Bárbara Gomes de Abreu e Lima 83  
 Basília 86  
 Batatinha e Riachão 86  
 Beatriz Nascimento 87  
 Benedita Caetana, Josefá, Maria Rosa e Rita e o Livro de Ouro do Fundo de Emancipação 88  
 Benedita Costa 89  
 Benedita Maria Albina da Ilha 90  
 Benedito Meia-Légua 91  
 Benjamim de Oliveira 92  
 Bento, Bernardo, Bonifácio, Francisco, José e Mateus 93  
 Bernarda de Souza 95  
 Besouro Mangangá 95  
 Bibiana e Isabel Guaraná da Costa 96  
 Brito Souto 98

- Caetana 102  
Caetano da Costa 103  
Cardoso Vieira 103  
Carlos Alberto Oliveira dos Santos 104  
Carlos Marighella 106  
Carlota Alberta Burnett, Florence Scantlebury,  
Helen Cook, Louise White, Mabel Skeete e  
Una Long 107  
Carolina Maria de Jesus 108  
Cartola 110  
Catarina 112  
Catarina, Josefa e Vitória 113  
Catarina Cassange 114  
Catarina Mina 115  
Cecília, Letícia, Virgínia e Querubina 117  
Celina Veiga, Maria de Lourdes Rosário e  
Noêmia de Campos 118  
Chica Brincuda 119  
Chica da Silva 120  
Chica Machado 121  
Chico Prego, Elisiário e João  
Pequeno 123  
Chico Rei 123  
Chiquinha Gonzaga 124  
Cícero Brasiliense de Moura, Graciliano  
Fontino Lordão, José Manuel dos Anjos e  
Vicente Gomes Jardim 125  
Cipriano Pires Sardinha 126  
Clara Courá, Isabel Mina, Mariana da Costa e  
Mariana Xambá 128  
Cláudia Silva Ferreira 129  
Claudina Fortunato Sampaio  
e Luísa 130  
Claudino José da Silva 131  
Cléa Simões 132  
Clementina de Jesus 133  
Clementina Maria da Conceição  
e Maria Tereza da Cunha 135  
Clóvis Moura 136  
Cosma Corrêa e Quitéria Pereira  
de Souza 137  
Cosme Bento das Chagas 138  
Cumba 140  
Curukango (Carukango, Querucango) 141
- D. Diogo 144  
Damásia 144  
Dandara, Lucrecia e Madalena 146  
Daniel Antônio de Araújo 147  
De Chocolat 149  
Delfina e Faustina 150  
Delfino 151  
Delindra Maria de Pinho 151  
Delphina Maria da Conceição, Feliciano de  
tal, Henriqueta Costa, Isabel Maria da  
Anunciação, Silvéria Maria da Conceição e  
Tereza de Jesus 153  
Deocleciano Nascimento 154  
Deolinda, Eva, avó, mães e filhas 156  
Diogo Rebole e Ventura Mina 157  
Dionísia e Martinha dos Santos 158  
Dionísia Angola 158  
Divino Mestre 160  
Domingos Álvares 162  
Domingos Sodré 163  
Donga 164  
Dorothea Maria do Espírito Santo, Eva Maria  
da Silva, Maria Jacintha, Maria Thereza de  
Oliveira e Umbelina Maria das Dores 165  
Duarte da Costa 167
- Edison Carneiro 170  
Edmeia da Silva Euzébio 171  
Eduardo das Neves 171  
Eduardo de Oliveira 173  
Eduardo de Oliveira e Oliveira 174  
Efigênia, Nazaré, Rosa e Rufina 175  
Elyseu Elias César 176  
Elza de Souza e Guiomar Ferreira  
de Mattos 177  
Emília do Patrocínio 179  
Emília Duarte Rodrigues e Vivina Rodrigues  
Braga 180  
Emiliano Mundrucu, Natividade Saldanha e  
Pedro Pedroso 181  
Emmanuel Hector Zamor 184  
Enedina Alves 185  
Esperança Garcia 187  
Estêvão Pimenta e Felipe Santiago 188  
Estêvão Silva 189  
Euzébio de Queiroz Coutinho  
Barcelos 190  
Eva e Francelina 192  
Eva Maria do Bonsucesso 192

- Faustino da Silva Paiva e Mathias Henrique da Silva 196  
 Feliciano Maria Olímpia 197  
 Felicidade e Inácia 198  
 Felicidade, Germana, Libânia e Maria Madalena 199  
 Felício de Arruda Botelho 200  
 Felipa Maria Aranha 202  
 Félix José Rodrigues 203  
 Félix Soares 205  
 Figênia 205  
 Firmina 207  
 Firmino Monteiro 207  
 Florência Joaquina 208  
 Francisca 209  
 Francisca Luiz 210  
 Francisca (Xica) Manicongo 212  
 Francisca Poderosa 213  
 Francisco 214  
 Francisco Antônio da Costa 215  
 Francisco Carregal, Manuel Maia e outros futebolistas pioneiros 217  
 Francisco de Paula Brito 218  
 Francisco de Paula Victor 220  
 Francisco José do Nascimento 221  
 Francisco Lucrécio 223  
 Francisco Moçambique e José Majojo 224  
  
 Ganga-Zumba 228  
 Garrincha 230  
 Geraldo Filme 230  
 Gertrudes Maria 232  
 Grácia Maria da Conceição Magalhães 234  
 Grande Otelo 235  
 Gregório Luís 237  
  
 Hamilton Cardoso 240  
 Heitor dos Prazeres 241  
 Hemetério José dos Santos 243  
 Henrique Antunes da Cunha 244  
 Henrique Dias 245  
 Henriqueta Maria da Conceição 247  
 Hermenegildo de Barros 249  
 Hilária e Madalena 250  
 Horácio de Sá Pacheco 252  
 Hypólita Maria das Dores 253  
  
 Ildelfonso Juvenal da Silva 256  
 Inácio da Catingueira 256  
 Inácio Gonçalves de Siqueira 257  
 Inácio Hermógenes Cajueiro 258  
 Inácio Monte 259  
 Iracema de Almeida 260  
 Irenice Maria Rodrigues 261  
 Ironides Rodrigues 263  
 Isaura Bruno 264  
 Isidoro, Hilário e outros tradutores, guias e “cientistas negros” da Amazônia 265  
 Ismael Ribeiro dos Santos 267  
 Ismael Silva 268  
 Israel Soares 270  
 Itamar Assumpção 272  
 Ivone Lara 274  
  
 Jacira de Almeida Sampaio 278  
 Jackson do Pandeiro 278  
 Jacyra Silva 279  
 Jandyra Aymoré 280  
 Jerônimo Soares 281  
 Joana da Silva Machado 281  
 Joana e Lisarda 282  
 Joana Guedes de Jesus e Laura Guedes de Jesus 284  
 Joana Maria, Maria e Maria Francisca 285  
 João Cândido 286  
 João da Cruz e Sousa 288  
 João da Silva, José Martins, Luiz Pereira de Almeida e Mateus Pereira Machado 290  
 João de Deus 291  
 João do Rio 294  
 João Henriques de Lima Barreto 295  
 João Mulungu 298  
 João e Timóteo 298  
 Joãozinho da Gomeia 299  
 Joaquim Cândido Soares de Meireles 300  
 Joaquim de Souza Ribeiro 301  
 Joaquim Pinto de Oliveira 303  
 Joaquina 305  
 Joaquina Benguela 306  
 Joaquina Maria da Conceição Lapa 307  
 Joel Rufino dos Santos 308  
 José Correia Leite 309  
 José Custódio Joaquim de Almeida 310  
 José de Souza Marques 311

- José do Patrocínio 312  
José Ezelino da Costa 315  
José Ferreira de Menezes 316  
José Theóphilo de Jesus 317  
Josefa da Silva 318  
Juca Rosa 319  
Juliana 320  
Juliano Moreira 321  
Justina Maria do Espírito Santo 323
- Laudelina de Campos Mello 326  
Laura Santos 327  
Lélia Gonzalez 328  
Leopoldina e Thomázia 329  
Liberata 330  
Lima Barreto 331  
Lino Guedes 334  
Lourença Correia da Lapa 335
- Lucas du Bissette e  
Norman Percival Davy 336  
Lucas Evangelista 337  
Luís Anselmo da Fonseca 338  
Luiz Gama 339  
Luiza 342  
Luiza Bairros 343  
Luiza Mahin 345  
Luzia Jeje 347  
Luzia Pinta 347
- Machado de Assis 352  
Macutandu, Mamatandu, Muquirita, Niquirita  
e Umpula 354  
Madame Satã 355  
Mãe Agripina 359  
Mãe Andresa 359  
Mãe Aninha 361  
Mãe Beata de Iyemanjá 362  
Mãe Benta 363  
Mãe Biu 364  
Mãe Dudu 365  
Mãe Esperança Rita 366  
Mãe Luzia 369  
Mãe Menininha 369  
Mãe Olga do Alaketu 370  
Mãe Senhora 371  
Mãe Stella de Oxóssi 372
- Mahitica 373  
Mahommah Baquaqua 374  
Malunguinho 377  
Mandilacota 377  
Manuel Congo 378  
Manuel da Mota Monteiro Lopes 379  
Manuel do Sacramento 381  
Manuel Padeiro e Negro Lucas 382  
Manuel Raimundo Querino 384  
Manuel Tranquilino Bastos 385  
Manuel Vicente Alves Palmeira 386  
Marcelina Obatossi 386  
Marcílio Dias 388  
Marcolina da Silva Marques 388  
Margarida Joaquina de Sousa 390  
Maria [Campinas, São Paulo] 392  
Maria [Piauí] 393  
Maria, africana livre 394  
Maria Águeda 396  
Maria Angélica 396  
Maria Angola 398  
Maria Apolinária, Maria Cândida  
e Maria Domingas 399  
Maria Auxiliadora da Silva 400  
Maria Benedita da Rocha 402  
Maria das Dores Santos Conceição 403  
Maria Dimpina Lobo Duarte 404  
Maria do Carmo Jerônimo 404  
Maria do Céu Ferreira da Silva 405  
Maria do Egito 406  
Maria Firmina dos Reis 407  
Maria Joana Monteiro 409  
Maria Joaquina 410  
Maria Joaquina de Camargo  
e Rosa Negra 411  
Maria José Bezerra 413  
Maria Mina 413  
Maria Nascimento 414  
Maria Odília Teixeira 415  
Maria Rita, africana 416  
Maria Tereza Bento da Silva 417  
Mariana 418  
Marielle Franco 419  
Mário de Andrade 421  
Martinha 424  
Matildes 425  
Mécia 426

- Mercedes Baptista 427  
 Mestre Bimba 429  
 Mestre Didi 431  
 Mestre Moa do Katendê 432  
 Mestre Pastinha 434  
 Mestre Tito 435  
 Mestre Valentim 436  
 Mestre Verequete 437  
 Mestre Vitalino 438  
 Miguel e os quilombolas nas fronteiras  
   tranwionais das Guianas 440  
 Miguel Barros 442  
 Milton Santos 443  
 Minervino de Oliveira 444  
 Moacir Barbosa Nascimento 445  
 Mônica 447  
 Mônica da Costa Ferreira 449  
 Mussum 451
- Nã Agotimé/ Maria Jesuína 454  
 Narcisa Ribeiro 455  
 Narciso 455  
 Nascimento Moraes 456  
 Neusa Santos Sousa 458  
 Nhô João e sua parceira 459  
 Nilo Peçanha 461
- Oliveira Silveira 466  
 Osvaldo Orlando da Costa 468
- Pacífico Licutan 470  
 Padre José Maurício 470  
 Pai Adão 472  
 Páscoa Vieira 473  
 Paulina 474  
 Paulo da Portela 476  
 Pedro Justo de Souza 476  
 Pedro Lessa 478  
 Pedro Valentim 479  
 Peregrina e Rosa 480  
 Petronilha 482  
 Pixinguinha 483  
 Prata Preta 485  
 Pretextato dos Passos e Silva 487  
 Preto Félix 488  
 Príncipe Obá II 489
- Quelly da Silva 492  
 Querengue e outras africanas 492  
 Quindomba 494  
 Quintiliano Avellar 495  
 Quintino de Lacerda 497
- Raimundo de Souza Dantas 500  
 Raimundo Irineu Serra 500  
 Rainha Maria Joaquina 502  
 Rainha Marta dos quilombolas de Iguaçú 503  
 Rita Cebola e outros casos 503  
 Rita Dias de Araújo 505  
 Rita Maria 506  
 Robson Silveira da Luz 507  
 Roque José Florêncio 509  
 Rosa 511  
 Rosa Cabinda 512  
 Rosa do O'Freire 513  
 Rosa Egipcíaca 514  
 Rosalina 516  
 Rubem Valentim 516  
 Rufina 518  
 Rufino José Maria 519  
 Ruth de Souza 521
- Sabina da Cruz 524  
 Salústia 526  
 Sebastião Rufino 527  
 Selma Heloísa Artigas da Silva  
   (O caso Nicole) 528  
 Sidney Amaral 530  
 Sofia Ferreira Chaves 530  
 Solano Trindade 531
- Tancredo da Silva Pinto 534  
 Teodora Dias da Cunha 535  
 Teodoro Sampaio 537  
 Teresa Bicuda 538  
 Tereza de Benguela 539  
 Tereza de Jesus de Souza 540  
 Theodosina Ribeiro 541  
 Thereza Santos 542  
 Tia Ana 543  
 Tia Carmem do Ximbuca 544  
 Tia Ciata 544  
 Tia Eva 545  
 Tia Inácia 546

Tia Marcelina 547

Tia Maria 549

Tia Maria do Jongo 550

Tia Simoa 551

Tias baianas: Amélia Silvana de Araújo,  
Fé Benedita de Oliveira e Perciliana Maria  
Constança 552

Tias fluminenses: Maria José Costa Alves,  
Olívia Marinho de Lima e Vicentina do  
Nascimento 553

Tobias Barreto 554

Tomás 557

Trajano 557

Tula Pilar 559

Vicente de Souza 562

Vicente Ferreira 562

Vicente Ferreira 563

Virgínia Leone Bicudo 564

Vitória da Conceição 565

Vitória ou Vitorão 566

Wilson Simonal 570

Zacimba Gaba 574

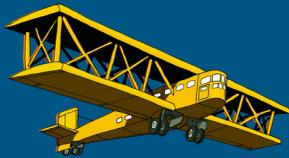
Zé Kéti 575

Zeferina 575

Zeni Pereira 577

Zózimo Bulbul 577

Zumbi 579



COMPANHIA  
*na educação*

- Escreva-nos um e-mail e envie para [professores@companhiadasletras.com.br](mailto:professores@companhiadasletras.com.br)
  - Visite a **Sala do Professor**, nosso site voltado aos profissionais da educação
  - Acompanhe-nos em nossas redes sociais
-  @companhianaeducacao
-  @companhianaeducacao

E via hashtags

**#COMPANHIANAEDUCACAO**